

Os especialistas do sistema médico Sanumá-Yanomami: o xamanismo como guerra, arte e cura

Sílvia Guimarães

Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB).
Professora Adjunta de Saúde Coletiva da Faculdade da Ceilândia da UnB
silviag@unb.br

RESUMO: O xamanismo Sanumá está baseado na capacidade do xamã em controlar seus seres auxiliares e em trocar e absorver o conhecimento de outras criaturas. Como um dínamo e artista, o xamã potencializa tudo o que encontra, conhece e interage para se fortalecer, curar e controlar as agressões no cosmos.

Palavras-chave: xamanismo, cura, medicina tradicional.

ABSTRACT: *The Sanumá-Yanomami medical system experts: shamanism as war, art and healing*

Sanumá shamanism is based on the ability of the shaman to control his assistants beings and to exchange and absorb the knowledge of other creatures. As a dynamo and artist, shaman enhances everything he finds, knows and interacts to strengthen himself, heal the others and manage aggression in the cosmos.

Keywords: shamanism, cure, traditional medicine.

RESUMEN: *Los expertos del sistema medico Sanumá-Yanomami: chamanismo como la guerra, la arte y la curación*

Sanuma chamanismo se basa en el habilidad del chamán para controlar sus seres auxiliares y intercambiar y absorber el conocimiento de otras criaturas. Como un dínamo y artista, chamán mejora todo lo que encuentra, sabe e interactúa para fortalecer, curar y controlar la agresividad en el cosmos.

Palabras-clave: chamanismo, curación, medicina tradicional.

Este trabalho pretende abordar o sistema médico Sanumá a partir de seus especialistas, os xamãs - denominados na língua Sanumá, *sapuli töpö* - os quais dominam os processos de cura que estão além do restabelecimento do estado de bem estar do paciente, mas englobam manter a ordem do cosmos e apaziguar os inimigos visíveis e invisíveis. Os dados etnográficos que fundamentam este artigo são resultados do trabalho de campo realizado entre os Sanumá, subgrupo da família lingüística Yanomami, que inclui também os Yanam, Yanomae e Yanomamö¹. Os Sanumá estão localizados nos dois lados da fronteira Brasil-Venezuela. No lado brasileiro, os Sanumá são, aproximadamente, 1500 pessoas, distribuídas por 28 comunidades (fonte ONG URIHI – Saúde Yanomami 2003) e na Venezuela, cerca de 2900 (fonte SIVO – Sistema Integrado de Indicadores Sociales para Venezuela 2001). O grupo com o qual realizei a pesquisa se autodenomina *Sanima Töpö* (*Sanima* significa gente e *Töpö* é a indicação do plural) e está localizado no maciço guianense ou, mais especificamente, na bacia do rio Auaris, serra Parima, estado de Roraima. Era formado por 214 pessoas, divididas em cinco grupos agnáticos - grupos formados por pessoas de uma mesma patrifiliação e que são denominados por um nome próprio de um dos seus membros² - relacionados entre si por consangüinidade e afinidade³. Os Sanumá compartilham o mesmo território com o povo indígena Yecuana, que vivem em uma aldeia próxima com cerca de 330 pessoas. Nas imediações da aldeia dos Sanumá ainda encontram-se o posto da Missão Evangélica para Amazônia (MEVA), o quartel do exército,

o posto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o posto central da ONG URIHI-Saúde Yanomami, mais tarde substituída por funcionários da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).

Contextualizando o sistema médico Sanumá

O sistema médico Sanumá operacionaliza-se ao lado do ocidental, mas não conjuntamente. Os primeiros representantes da sociedade ocidental a estabelecer instalações nas proximidades da aldeia foram os missionários da MEVA no início da década de 1960. Esses foram também os primeiros a levar práticas desse sistema médico ocidental para a área. Dessa interação e de outras estabelecidas com demais segmentos da sociedade dos brancos, que se alteram em área (profissionais da saúde do governo e de ONG's), além das mantidas nas idas aos hospitais em Boa Vista, capital de Roraima, os xamãs reinterpretem e se apropriam desse modo diverso de ser e estar no mundo, de curar e etc. Um exemplo dessa interação acontece com a percepção que os xamãs têm dos poderes altamente patogênicos dos brancos, o ato de escrever seria um desses poderes. Para os Sanumá, os nomes são altamente sigilosos e não devem ser pronunciados, pois é um risco para seu dono, podendo deixá-lo enfermo. No caso específico do ato de escrever os nomes próprios, ação corriqueira nos censos realizados pelas equipes de saúde, os xamãs o interpretam como o rapto de parte da corporalidade de uma pessoa, uma vez que o nome escrito materializa parte do corpo⁴. Consequentemente, o recenseamento é uma fonte constante de conflito, o que faz

os Sanumá inventarem outros nomes ou usarem nomes dos brancos. Isso explica também porque os xamãs entrevistados para este trabalho não estão identificados, pois eles não permitiram divulgar seus nomes ou fotos. Por outro lado, uma outra fonte de poder dos brancos, seus bens materiais, são apropriados pelos xamãs em sua potência e tornam-se seres auxiliares que os acompanham nas curas. O automóvel é um exemplo dessa adaptação, um jovem xamã incluiu o ser auxiliar do carro entre as pequenas criaturas que o auxiliam. Vemos, portanto, nessas idas e vindas, encontros e desencontros, entre sistemas médicos, o xamanismo Sanumá se fortalecer enquanto, por sua vez, os demais profissionais de saúde em área não tomam em consideração essa prática terapêutica. Com relação aos Yecuana, esses não apresentam mais a figura do xamã na comunidade de Auaris, assim era possível vê-los freqüentar sessões xamanísticas Sanumá para serem curados pelos xamãs.

O sistema médico Sanumá sofreu uma ação avassaladora na década de 1980, quando uma onda de garimpeiros invadiu a Terra Indígena Yanomami, o que desencadeou uma pandemia de malária e outras doenças e a conseqüente desorganização social de muitas comunidades. Os xamãs interpretaram a morte em larga escala numa dada comunidade e as doenças como ações xamanísticas agressivas. Nesse ínterim, observou-se também o papel dos Sanumá atuando lado a lado com equipes de saúde com o intuito de reverter o caos que se instalara. Tornaram-se guias de equipes de saúde em seu vasto território e perspicazes

identificadores do plasmódio da malária em lâminas. Atualmente, agentes indígenas de saúde são formados e tradutores da língua Sanumá para o português atuam no sistema de saúde ocidental. Nessas incursões dos Sanumá, eles se revelaram hábeis observadores e passaram a etnografar e acumular conhecimento sobre modos diversos de experimentar o mundo. Nas várias dimensões da vida social Sanumá, o xamanismo é a que mais se recria nas interações travadas com os outros. O xamã leva às últimas conseqüências o potencial deste mundo para acessar outros mundos. Como um dínamo, a perceptividade xamânica cria uma infinidade de seres auxiliares, que agindo com ele produz uma energia xamânica que transforma a dimensão invisível que sustenta e move o universo.

Xamãs, artistas

O xamanismo Sanumá realiza-se por meio do encontro de diversos espaços e tempos que são especialmente dinamizados por pessoas com capacidades sensoriais singulares, os *sapuli töpö* (*sapuli töpö* é o plural de xamã e *sapuli de* é o seu singular). Os Sanumá entendem seu mundo como um local onde prevalecem as trocas de substâncias entre variados seres, inimigos, mortos e criaturas que habitam a floresta, que afetam tudo e todos. A atmosfera xamânica tem o tom da guerra, as trocas que aí acontecem - causando doenças, restabelecendo o bem estar - são essencialmente agressivas e a ação do xamã é primordialmente defensiva, de contra-ataque às agressões que as pessoas ou o grupo como um todo sofrem. Por meio do xamanismo, os Sanumá passam a ter o domínio sobre a construção da pessoa

e da vida social - uma vez que ambas são coextensivas. Os médicos Sanumá mantêm a reunião delicada dos componentes da pessoa que ameaça desmaterializar-se e o controle sobre os ataques desferidos contra sua comunidade. No espaço e tempo onde só o xamã sente, ouve, cheira, vê e canta com seus sentidos expandidos, os Sanumá adquirem um estado de bem estar e mantêm sua vida social.

O mundo Sanumá do xamanismo, invisível a muitos, não é habitado por espíritos incorpóreos ou imateriais, mas é feito de uma materialidade própria e é habitado por seres com corporalidades perceptíveis somente pelos xamãs. Quando está em ação, ele vê dimensões diversas do cosmos ao mesmo tempo e diferentes materialidades ocupar o mesmo espaço. Os Sanumá têm uma refinada concepção da pessoa que não cabe na nossa divisão entre corpo e alma e as dimensões distintas que essas entidades ocupam no nosso imaginário⁵. Para eles, aquilo que somente é visto e compreendido pelos xamãs é tão material e corpóreo quanto o que é dado aos sentidos das pessoas comuns. O problema é que os não-xamãs só podem se inserir nessa dimensão invisível quando sonham ou quando adoecem, o que pode nos passar a falsa impressão que nessa dimensão invisível tudo é fluido, diáfano, espiritual.

Podemos fazer um paralelo entre os xamãs Sanumá e os nossos artistas, pois ambos criam mundos distintos do mundo real e dominam uma técnica que nos transporta a outra realidade. De acordo com o crítico Delaroche, o pintor Paul Gauguin, por exemplo, apresentava-nos um outro

estado de vida sensível, distinto da realidade laboriosa e cotidiana⁶. Assim como o xamã, o artista rasga o véu da vida cotidiana e faz surgir uma realidade profunda. Vargas Llosa⁷ vê nas pinturas de Gauguin sobre os Mares do Sul a capacidade de nos transportar ao alvorecer da humanidade, de nos situar lado a lado com os ancestrais em um mundo mágico onde estamos misturados com os mais diversos seres, benignos e malignos. O xamã parece levar os Sanumá a essa outra dimensão onde o aqui e agora se abre a outros tempos e espaços e onde eles passam a coexistir com uma variedade de seres, com seus antepassados ou com aqueles que se encontram distantes. Como os xamãs e suas artes,

(...) os artistas eram seres de outra espécie, meio anjos, meio demônios, diferentes na essência dos homens comuns. As obras de arte constituíam uma realidade à parte, mais pura, mais perfeita, mais ordenada, que este mundo sórdido e vulgar. Entrar na órbita da arte era ascender a outra vida, na qual não só o espírito, mas também o corpo se enriqueciam e gozavam através dos sentidos.⁷

Entrar na órbita do xamanismo e dominar as práticas terapêuticas é estar em uma outra realidade tão material quanto a que vivemos. Essa se revela, especialmente, em momentos críticos da vida ou em sessões de cura com todo o peso de suas substâncias, permitindo ao xamã se relacionar com os mais diversos seres e até mesmo com seus inimigos. Daí a importância da sabedoria xamanística que controla essa dimensão e da figura do xamã como mestre dessa sabedoria.

Cânticos xamânicos e seres auxiliares

Falar do sistema médico Sanumá é falar, principalmente, dos seres auxiliares (denominados na língua Sanumá de *hekula töpö*) do xamã e seus cantos. Esses seres são criaturas com forma humana de, aproximadamente, cinco centímetros de altura, que se deslocam flutuando pelo ar, escavando a terra, ou mergulhando no fundo dos rios e, principalmente penetrando no interior do corpo da pessoa doente como uma sonda que mapeia onde, como e por que a pessoa está debilitada. Portanto, essas pequenas criaturas, visíveis somente aos xamãs, auxiliam nos rituais de cura e no controle do ataque de algum inimigo à comunidade. Como veremos adiante, essas criaturas vasculham o interior do corpo da pessoa e cantam relatando o que encontraram. Esses cantos se materializam diante do xamã, única pessoa capaz de ouvi-los e vê-los. É possível fazer um paralelo dessa tecnologia de cura do xamanismo Sanumá com uma tecnologia usada pela biomedicina, o aparelho de ultrassom. Pode-se dizer que ambos permitem visualizar o interior do corpo, contribuindo com a identificação de qualquer problema no paciente. No entanto, enquanto os seres auxiliares fazem parte da corporalidade do xamã e, como veremos adiante, dependem de uma interação do xamã com o paciente para entender o processo de adoecimento e para identificar o melhor ser auxiliar para atuar na cura, o aparelho de ultrassom, por sua vez, passa a ser sujeito à parte na relação médico-paciente, com capacidade de ação e decisão. É situado hierarquicamente em posição superior a do paciente e age sobre

o mesmo tomando-o como objeto de observação. Os laudos produzidos a partir da visualização permitida pelo ultrassom decidem procedimentos futuros com o paciente⁹. No caso dos seres auxiliares, o desenrolar do processo de cura não depende exclusivamente dessas criaturas, mas da troca de informação e saberes que passa a acontecer entre médico-paciente-público-seres auxiliares, como veremos a seguir.

Voltando ao xamanismo Sanumá e a atuação dessas criaturas, tudo o que existe no cosmos terá um ser auxiliar como um duplo ou réplica, cada objeto, criatura, fenômeno meteorológico terá uma criatura que lhe é associada. Assim, existe o ser auxiliar da chuva, de todos os tipos de animais de caça, do tipiti, dos automóveis, dos brancos, de criaturas da floresta e dos Sanumá antigos, dos antepassados. Cada ser auxiliar terá um instrumento, uma habilidade ou uma característica que lhe é peculiar e que será utilizado para fins definidos nas sessões xamanística de cura. A especificidade de um ser auxiliar está relacionada ao tipo de corporalidade da criatura que lhe está associada ou com a característica determinante do objeto ou fenômeno meteorológico relacionado a ele. Há uma relação entre a habilidade e o equipamento de um ser auxiliar e o corpo ou o comportamento do animal vivo que representa. As partes marcantes de um corpo ou os hábitos peculiares de um animal serão as ferramentas dos seres auxiliares relacionados a esses animais. O ser auxiliar da piranha, por exemplo, tem uma faca pequena, afiada como os dentes da piranha, que é utilizada em um tipo específico de

cura. O ser auxiliar do urubu tem uma faca e flecha que dilacera outra criatura, como os urubus fazem e que é utilizada em guerras xamanísticas.

Os seres auxiliares locomovem-se também de acordo com a especificidade da criatura ou objeto associado a ele. Todos são extremamente velozes e há os que flutuam no ar como borboletas agilíssimas, outros caminham no chão, outros nadam no fundo do rio, outros andam escavando o subsolo. As habilidades que têm, os meios de locomoção que utilizam, os objetos que portam, as maneiras de atuar com os xamãs e as músicas que cantam diferenciam os seres auxiliares uns dos outros. Nas curas xamanísticas, é possível saber mais a respeito da especificidade e das habilidades de cada ser auxiliar. Essas criaturas ensinaram os xamãs a cantar (*õkamo*) de maneira especial, deram o poder de expansão dos sentidos aos mesmos. São denominados também, na língua Sanumá, de *amoatili töpö*, criaturas provenientes do canto, ou melhor, da árvore do canto (*hiiti amadi*). De acordo com um velho xamã Sanumá, faz muito tempo que os xamãs descobriram os cantos xamanísticos com os *hekula töpö* que, hoje, são seus seres auxiliares na arte de fazer xamanismo. Eles encontraram essas criaturas na floresta, cantando dentro de uma árvore, a grande árvore dos cantos (*hiiti amadi pata*). Agora, eles cantam dentro dos xamãs.

De acordo com um outro xamã, depois de jovens casais terem mantido relações sexuais nas proximidades da árvore dos cantos, o que fez os seres auxiliares abandonar seu interior, e se dispersar, algumas dessas criaturas entraram no

interior de outra árvore, a mesma encontrada mais tarde pelos brancos. Por conseguinte, após descobrirem o canto dessas criaturas, os brancos fizeram o gravador e o rádio. Hoje, os brancos têm muitos rádios e gravadores por causa daquela descoberta; antes, eles não tinham música, não tinham o canto. Quanto aos Sanumá, depois de terem perdido a árvore dos cantos, restou à maioria deles ouvir os cantos dos xamãs, pois muitos não conseguem mais ouvir os cantos diretamente dos *hekula töpö*. Assim, os xamãs interagem com essas criaturas e repassam tudo o que aprendem com elas aos outros Sanumá, que formam uma platéia nas sessões xamanísticas. Pode-se dizer que os seres auxiliares migraram do interior da árvore dos cantos para o interior do xamã. Essas criaturas constroem uma casa no peito do xamã, como veremos na iniciação xamanística.

O complexo processo de cura realizada pelo xamã é ativado no “desenho” que a sonoridade do canto de um ser auxiliar produz. Os cantos tratam de histórias vividas pelo antepassado, de como agiu o agressor de um paciente, reapresenta para o xamã acontecimentos longínquos no tempo e no espaço - vividos pelos antepassados ou que acontecem neste exato momento em lugares distantes - e no interior do corpo do Sanumá. Como um pincel, o som dos cantos dessas criaturas “pinta” as realidades de que tratam. Esses cantos são invisíveis e inaudíveis para os não xamãs. Os fatos cantados ou os “quadros” pintados pelos cantos aparecem como uma realidade tridimensional para o xamã. O canto parece “encher” o espaço onde o xamã está, “inflar” uma outra cena

dentro daquela onde os se encontra. É como se o canto trouxesse determinados contextos até o xamã. Em tal realidade física posta diante dos seus olhos, o xamã é capaz de interagir com as criaturas que nela estão inseridas.

Os seres auxiliares vêm tudo e repassam por meio dos seus cantos ao xamã. A sabedoria do xamã, reconhecida pelos Sanumá, surge nas relações que ele estabelece com os seres auxiliares. Portanto, o xamã ouve o canto do ser auxiliar e passa a entender (*hini*) ou ele vê o canto do ser auxiliar e passa a saber (*taö*). O verbo *hini* significa tanto ouvir como entender, conforme o exemplo a seguir: *Napö sa töpö kahi hinii* (Eu entendo/ouço a língua dos Yecuana)¹⁰, e o verbo *taö* significa tanto ver como saber/compreender, de acordo com o exemplo *Ukudubu tapa waikio maaki taö totio mi*. (Mesmo eles vendo as fotos, eles ainda não compreendem/entendem/sabem)¹¹. Os Sanumá dizem que o xamã “vê tudo de perto”, exatamente porque os cantos desses seres mostram cenas, “desenham” situações vividas por seres da floresta, outros povos e o agente patogênico em ação no interior da pessoa. Assim, esses cantos são fontes de conhecimento e, como tal, eles têm uma função central na vida Sanumá. Neles estão compreendidos a consciência prática, a consciência teórica, o mundo da linguagem, da arte, da moralidade, enfim, os modelos fundamentais da sociedade.

Para acionar os seres auxiliares e expandirem os seus sentidos os xamãs fazem uso do alucinógeno *sakona* (*Virola calofiloidea*) e *palalo* (*Anadathera peregrina*), embora haja outros, como o

soisoinakö (uma gramínea, não identificada). Essas substâncias são produzidas a partir da casca das árvores que são aquecidas e depois pulverizadas pelos homens. As mulheres não têm qualquer participação na fabricação de tais substâncias. Com os sentidos do xamã alterados, os seres auxiliares passam a preencher toda a sua visão. Essas criaturas brilham e piscam como pequenas luzes em contraste com a escuridão da noite em que cantam os xamãs.

Tornando-se xamã, a forma de iniciação xamanística

Na formação de um jovem xamã, ele deve atrair esses seres auxiliares, domesticá-los para que eles venham morar no seu peito. Para isso, o jovem xamã deve saber perfumar o seu interior com fragrâncias agradáveis ou saber trabalhar o seu corpo interior e torná-lo atrativo a essas criaturas, que farão parte do novo xamã e preencherão seu interior, como veremos a seguir. Manter os seres auxiliares no peito significa controlar essas criaturas e tê-las prontas para o ajudar em qualquer situação. Essas criaturas passam a ser, ao mesmo tempo, extensões da corporalidade do xamã, tecnologias de cura, seres da floresta, isto é, objetos e agentes, sem contornos definidos, mas mesclados de capacidades, habilidades e usos diversos.

A iniciação xamanística é marcada pelo uso de alucinógenos, que acontece em sessões xamanísticas supervisionadas por um xamã mais experiente. Várias inalações de alucinógenos são feitas ao longo de uma sessão, homens adultos são responsáveis por introduzir o pó em uma das extremidades de um tubo fino e comprido de madeira,

de aproximadamente um metro, para, em seguida, soprá-lo em uma das narinas do xamã. O xamã responsável pela iniciação encaminhará os primeiros seres auxiliares para o peito do neófito, os quais irão construir sua nova casa no interior do jovem xamã. Ao longo de todo o processo, o jovem deve se alimentar de comidas tradicionais quando não está em transe e, quando faz uso dos alucinógenos, ele não deve comer nada, mas sim beber muita água e chibé (mistura de beiju de mandioca com água). Os sabonetes e desodorantes dos brancos devem ser evitados porque cheiram mal e espantam as pequenas criaturas. As relações sexuais também não podem acontecer pelo odor desagradável como se apresentam para os seres auxiliares. Durante as sessões xamanísticas, o jovem xamã deve inalar muito alucinógeno, pois tal substância exala um perfume atraente para as criaturas. Essas observações devem ser rigidamente seguidas pelos xamãs no período da iniciação e também devem ser observadas quando futuramente, como xamãs experientes, forem requisitados em sessões xamanísticas. Nesse último caso, as restrições garantirão que os xamãs irão realizar belos cantos. Após ter os seres auxiliares em seu interior, o xamã convoca-os quando quer realizar curas, afugentar inimigos e outras criaturas e auxiliar caçadores e guerreiros.

De acordo com um xamã, a casa dos seres auxiliares no interior do xamã parece estar envolta em um invólucro com uma abertura na parte inferior. Quando esses estão dormindo, essa abertura se mantém fechada, mas quando eles acordam, ela se abre lentamente e as pequenas criaturas

saem, começam a cantar e vão sentar-se no doente para curá-lo. Manter a casa dos seres auxiliares em seu peito depende da atitude e da postura do novo xamã ao longo de sua vida. Com a casa terminada, o neófito ouvirá mais e mais cantos dos seres auxiliares à noite, enquanto todos dormem. Aos poucos, a nova casa vai se enchendo de novas criaturas. No meio da noite, o xamã pode acordar de algum sonho bonito que teve com os esses seres e pode começar a cantar com eles até de madrugada. Isto aproximará cada vez mais seres auxiliares e xamã.

O aprendizado do xamanismo é interminável, não há o xamã definitivo, pois sempre existirá um número infinito de *hekula töpö* para a pessoa atrair. O xamã só será capaz de controlar seres auxiliares perigosos e poderosos depois de muito praticar a arte de cantar, o que pode levar toda uma vida. Um jovem xamã, pai de um único filho ainda pequeno¹, tem poucos seres auxiliares em seu peito, pois ele ainda está aprendendo a dominá-los. A casa dos *hekula töpö* no interior desse rapaz é vazia em comparação com aquela de seu pai. Como ele mesmo diz, “os *hekula töpö* vêm devagar e sempre”. Esse jovem ainda não tem, por exemplo, o *hekula de* do macaco-prego (*waxi*) porque esse gosta de ter relações sexuais, o que instigaria o xamã a fazer o mesmo. Como esse jovem xamã saiu há pouco tempo de sua iniciação, ele deve controlar seu apetite sexual e tal criatura o levaria a fazer o contrário. Esse xamã ainda não consegue por

1 O ciclo de vida da pessoa é marcada por rituais (ao nascer, de puberdade, do matador e ao morrer), os Sanumá identificam o passar do tempo para uma pessoa e a transformação de seu corpo com os filhos que teve, com o que fez e como viveu, ações que marcam sua corporalidade⁵.

si próprio chamar os seres auxiliares para o interior de sua casa, depende de seu pai, que lhe transfere ser auxiliar de seu peito. Por enquanto, são os seguintes os *hekula töpö* morando em seu interior: de um peixe como a piranha (*pokosi*), relativamente forte, tem uma pequena faca; de pequenas aves como o beija-flor (*teso*), tem uma água especial para lavar o doente; do pássaro tesourinha (*masakanani*); e do carro dos brancos.

Determinados *hekula töpö* dão uma capacidade ou habilidade especial ao xamã, que é expelir o objeto patogênico, a substância física e material encontrada no interior do doente. O xamã que consegue fazer isto é denominado *lala de*. Fui informada que no Brasil, há aproximadamente cinco xamãs Sanumá com esta habilidade, um deles vive em Auaris, é relativamente jovem, pois o seu filho mais velho acabou de fazer o ritual de puberdade. Apesar de sua pouca idade, este *lala de* é visto como um xamã muito poderoso; é capaz de expelir espinhos, gravetos, vermes, dente de algum animal, folhas, sangue, que são materializações da substância letal (*wazu*) que aflige os doentes. Identifiquei três *hekula töpö* que dão este poder aos xamãs: *waibili* (um tipo de sapo), *korumase ose* (tipiti pequeno) e *lala kökö* (cobra sucuri). O jovem xamã *lala de* de Auaris explicou que, por enquanto, ele tem somente os dois primeiros, pois o *hekula de* da sucuri é muito perigoso e agressivo e ele ainda não está apto para tê-lo em seu peito. O *hekula de lala kökö* (ser auxiliar da sucuri) é muito colorido, semelhante a um colar de miçangas e fica próximo ao pescoço do xamã no momento da cura.

Realizando ações xamanísticas

As ações xamanísticas voltam-se para os agressores do corpo e do cosmos, pois cabe ao xamã de um grupo local resgatar as partes do corpo raptadas pelas mais diversas criaturas, retirar as substâncias mágicas que foram lançadas no interior de uma pessoa e desfazer quaisquer distúrbios no cosmos ou ameaças de guerra. Além disso, o xamã vinga as mortes ocorridas no seu grupo, mantendo as trocas de agressividade com os inimigos. As atividades terapêuticas são realizadas pelos xamãs com a intervenção dos seres auxiliares e, como veremos, utilizando técnicas da caça e da guerra.

Um tema recorrente na Amazônia ameríndia é o da agencialidade humana por trás das doenças e mortes, o que indica uma formulação própria a muitos povos amazônicos, remissivos do observado por Evans-Pritchard no seu clássico estudo sobre os Azande, localizados no Sudão anglo-egípcio¹². Os Sanumá, assim como outros indígenas, desenvolveram uma teoria social capaz de explicar as relações entre os homens e seus infortúnios que remete ao conceito Zande de bruxaria. Os Azande pretendem explicar, em uma cadeia causal, as condições específicas que ligam uma pessoa a um dano por ela sofrido. O que para nós seria um acaso, um acidente, um azar, ou uma questão de probabilidade, para um Zande e, acredito, também para um Sanumá, seria um ataque invisível, ação intencional e nociva que recai sobre uma pessoa. Diante da morte de um dos seus, os Azande selecionam a causa socialmente relevante, que é o ataque de algum bruxo. Não lhes interessa tanto saber como a pessoa morreu, mas porque, pois essa pergunta permite a

intervenção e determina comportamentos, como a consulta ao oráculo, a realização de ritos mágicos e a vingança. Tanto os Azande quanto os Sanumá sabem que a causa da morte por uma picada de cobra foi o veneno do animal; entretanto, o que lhes interessa é saber por qual motivo a cobra mordeu aquela pessoa e não outra naquele exato momento e lugar. Neste sentido, os Sanumá agem e explicam os “infortúnios” de maneira semelhante aos Azande, sublinhando a agressividade e não a surpresa do acontecido, a raiva e não o temor com relação ao dano. Em um universo onde não há espaço para acidentes, tudo tem um motivo-ação para estar acontecendo. Estamos tratando de ações mágicas, de agressões que são imperceptíveis à maioria das pessoas e não de golpes efetivamente desferidos, como no caso de agressões físicas e visíveis. Os xamãs Sanumá são os intérpretes dessas situações. Sobre os “acidentes” na aldeia, os Sanumá me relataram as seguintes maneiras como os seres auxiliares podem agir:

Os seres auxiliares de uma xamã podem fazer um avião cair e matar todos que estão dentro dele a mando do xamã, que pretende vingar algo que foi feito contra ele ou seus pares. Quando o avião dos brancos cai, os Sanumá sabem que foi algum xamã que mandou derrubar para revidar o dano que sofreu de algum branco. Os seres auxiliares entram no avião e seguram a pele dele no ar, fazendo-o cair.

Quando venta muito, as pessoas devem tomar cuidado. Essa ventania é feita pelos seres auxiliares. São eles passando pelas casas. O vento que a passagem deles causa pode derrubar uma árvore ou uma casa em cima de alguém, o que pode matar a pessoa. Acontece o seguinte: uma dessas criaturas faz ventar muito e outro imobiliza o Sanumá para que ele não fuja quando a

árvore ou a casa cair sobre ele. O Sanumá morre e o xamã, que enviou seu auxiliar, fez sua vingança.

A picada de uma cobra também é causada pelos seres auxiliares a mando de um xamã. Esses mandam a cobra picar a pessoa que causou um dano ao xamã ou a sua comunidade, ou a qualquer um de seus parentes. A cobra ataca quando a pessoa está sozinha, afasta-se um pouco de sua casa, matando-a rapidamente. Desse modo, o xamã fez a sua represália.

Uma Sanumá pode ficar sem mexer o rosto (paralisia facial), o que também é causado pelo hekula pasoliuë töpö (ser auxiliar do macaco coatá), o xamã manda esse hekula de deixar a pessoa assim. Os hekula töpö sempre estão agindo a mando do xamã que quer realizar uma vingança. Eles podem destruir roças, bananeiras, tudo, com vendavais.

Os hekula töpö sempre atacam seguindo as ordens de algum xamã inimigo. No entanto, não só a intencionalidade humana está na base das agressões; os Sanumá são agredidos por criaturas não-humanas, como os sai töpö (criaturas da floresta) e os uku dubu (duplos liberados na morte) dos animais mortos. Ambos ataques são preocupações constantes dos Sanumá de Auaris e movimentam os xamãs que devem descobrir quem ou o que deixou a pessoa doente ou a matou. A diferença está na reação dos Sanumá, pois enquanto os ataques humanos requerem o revide ou a contra-agressão, os dos seres da floresta exigem rígidos controles sociais, para que sejam evitados, pois não há como retaliar a ação de sai töpö e uku dubu. Por exemplo, o pai em couvade e os jovens nos ritos de puberdade devem seguir severas restrições para não se exporem a um encontro fatal com os sai töpö, ou uma pessoa de determinada

faixa etária não deve comer determinado animal para não sofrer o ataque do *uku dubu* do animal morto, que pode lhe deixar doente ou algum de seus parentes. Nesses casos, como veremos adiante, o xamã realiza uma caçada em busca dessas criaturas para recuperar o doente.

Cantando e dançando nas sessões xamanísticas.

No momento da cura, o xamã volta-se para o doente, senta-se de cócoras e ouve suas queixas ou um parente contar o que está acontecendo. O xamã levanta-se e inicia o canto de cura. Manda um ser auxiliar entrar no interior do doente e procurar a marca ou o rastro do agressor, ao mesmo tempo em que passa a mão por todo o seu corpo. No interior da pessoa, o ser auxiliar senta-se ou perambula pelo interior do corpo e observa se há alguma marca ou impressão (*mazo de*) do agressor. Um dos seres auxiliares que averigua o interior em busca do local da agressão é o de um tipo de abelha. Essa criatura vem antes de outros seres auxiliares para procurar a marca do agressor. Tem uma espécie de lanterna, uma luz que o ajuda a procurar no interior da vítima, entra pelo ouvido e percorre todo o interior do paciente. Quando encontra o ponto da agressão, isto é, a marca do agressor, a luz pisca insistentemente, indicando o local onde outros seres devem trabalhar.

Os seres auxiliares identificam o agressor e verificam a gravidade do dano que causaram. As doenças com sintomas mais graves devem ser observadas por seres auxiliares poderosos, como o do herói criador do mundo ou o demiurgo (*Omawö*), que irão

saber se é possível salvar ou não a pessoa. Um exemplo desse tipo de doença tem origem na gravidade de venenos lançados por inimigos, que deixa a pessoa desfalecida com tremores e calafrios. Em uma situação como essa, o ser auxiliar do demiurgo, o qual tem uma luz especial, retrata a cena do ataque no interior da pessoa, nos termos dos Sanumá, como uma máquina fotográfica dos brancos, o que permite indicar a causa do mal e a gravidade da doença. Essa criatura é capaz de dizer se a vítima pode ser curada ou não, se vai morrer ou não.

Após identificar a marca do agressor, inicia-se a cura, que pode consistir em retirar o veneno que foi inserido ou resgatar alguma porção da pessoa que foi raptada. Para isso, o xamã convoca seres auxiliares que são habilidosos para lidar com o agressor em questão, ou os próprios seres auxiliares já envolvidos convocam aqueles que seriam especialistas para lidar com a situação. Em alguns casos, os seres auxiliares realizam uma verdadeira caçada, utilizando o instrumental que lhes é próprio. Conforme um jovem xamã me explicou quando observou um xamã mais experiente realizar a cura relatada a seguir:

Quando a mulher está menstruada, o marido não pode comer o tatu canastra porque o uku dubu (réplica do animal morto, porção liberada na morte do animal) desse animal lança um veneno no seu interior, que o deixará tonto, com náusea e vômitos. Caso ele quebre essa interdição, o xamã deve tira-lhe o veneno de dentro. Mas, se não houver nenhum xamã por perto, o homem morrerá. Os seres auxiliares devem tirar o veneno de dentro do doente e também matar a réplica do animal para que seu veneno não prejudique mais a pessoa. O xamã chama o ser auxiliar do macaco coatá (paso) que irá bater na cabeça da réplica

do tatu canastra. Outros seres auxiliares são convocados: o de um tatu pequeno (mono), do pássaro jaburu (koliomuni), de uma criatura da floresta (henona) e de uma outra (tönömö).

Uma cura desse tipo aconteceu, à noite, quando os seres auxiliares estavam acordados e transitando. A caçada iniciou-se quando o xamã, com a ajuda dos seres auxiliares, procurava o paradeiro da réplica do tatu canastra que fez o homem adoecer. O xamã mandou o ser auxiliar do tatu pequeno entrar no interior da terra e procurá-lo. Ele o encontrou metido na terra. A réplica não estava tão distante da superfície, estava escarafunchado perto. Em seguida, o ser auxiliar do tatu pequeno “cortou” a porção de terra que rodeava o uku dubu, isolando-o. O uku dubu ficou bem no meio. O ser auxiliar da criatura da floresta (henoma), que é muito forte, auxiliou o ser auxiliar do tatu. Enquanto ser auxiliar do tatu “cortava” a terra ao redor do uku dubu, o ser auxiliar da criatura da floresta (henoma) posicionou-se abaixo do uku dubu, não o deixou escapar ou fugir, escavando mais fundo. Assim, ele não podia fugir nem por baixo, nem pelos lados. O ser auxiliar de outra criatura da floresta (tönömö), que também é muito forte, pôs uma pedra grande na superfície do círculo, onde estava o uku dubu. Todos os seres auxiliares juntos puxaram esse pedaço de terra e retiraram-no, viraram-no, deixando a grande pedra de cabeça para baixo, impossibilitando, assim, o uku dubu de escavar mais a fundo. Agora ele estava isolado, não tinha como fugir e não foi preciso deixar um ser auxiliar vigiando para que ele não escavasse mais a fundo. Depois de isolar o uku dubu, os seres auxiliares iniciaram a matança. O ser auxiliar do macaco coatá (paso) bateu na cabeça do uku dubu. O ser auxiliar do jaburu (koliomuni) flechou-o e o uku dubu, finalmente, morreu. Foi preciso matar o uku dubu, para ele não pôr nenhum outro veneno na pessoa. O ser auxiliar do macaco (paso) apanhou o uku dubu não com suas mãos, mas com uma vara, e jogou-o para alto com muita força, ele bateu no céu, que é o chão da casa de

Omawö (o demiurgo) e voltou com muita força, atravessou a terra onde pisamos até chegar à morada subterrânea dos oinani töpö (criaturas que vivem no interior da terra). Os oinani töpö sabem quando os seres auxiliares estão em uma caçada de uku dubu, pois os ouvem, cantar e correr. Quando escutam esse canto, já sabem que terão comida. Os oinani töpö se alimentam do uku dubu morto pelos seres auxiliares.

Os cantos dos xamãs relatam o que os seres auxiliares estão fazendo a respeito da doença do paciente. Muitas vezes, o xamã aproxima-se de uma pessoa que assiste à sessão, senta de cócoras e descreve o problema do doente, explica o que causou a doença e como está sendo tratada. Quem o escuta surpreende-se com as suas afirmações e faz perguntas ao xamã, estimulando suas interpretações sobre o processo de adoecimento e cura. Os xamãs dizem que em alguns casos, os seres auxiliares devem viajar para longe, em busca do ser que causou a doença.

Depois da captura do agressor ou da batalha travada com ele, os seres auxiliares recuperam o doente. Retiram a substância que deixou a pessoa enferma e reconstituem seu corpo. Às vezes, para expelir a substância letal, devem dar um banho no interior do doente, conforme explicou um xamã:

Algumas criaturas da floresta em geral flecham os Sanumá com um tipo de veneno que preenche todo o seu interior. Os seres auxiliares lavam a vítima com uma água especial. A cura é feita por dentro, no interior do corpo do doente, pelos seres auxiliares que vasculham seu interior e encontram a causa do mal espalhado. As criaturas tiram a flecha envenenada que foi lançada, jogam muita água e lavam bem a vítima para retirar a substância letal.

O banho não ocorre somente em casos especiais, pois toda cura deve ser finalizada com ele. O xamã deve apagar as marcas do agressor que se encontram no interior do doente, pois elas contêm uma substância venenosa. Por isso, lava-o com a ajuda dos seres auxiliares. O banho é o momento especial da cura e acontece quando o xamã se aproxima da pessoa e passa a mão por todo o seu corpo enquanto canta. Nesse exato momento, os seres auxiliares relacionados com o mundo aquático jogam uma água especial (*sapotu*) no interior e lava essa porção da pessoa. Outros seres auxiliares podem concluir a cura com algum tipo de curativo, o relato do xamã a seguir exemplifica:

Há muito tempo, existiram os nemonemoxi töpö, povo que cantava muito (xamanizava). Foram as primeiras pessoas a cantar. Cantavam muito até o amanhecer. Os outros Sanumá não cantavam tanto assim. Decidiram fazer um caminho para ir cantando até a casa dentro do xamã. Os nemonemoxi töpö viraram os seres auxiliares das abelhas. Esse ser auxiliar trabalha muito bem, consegue curar o Sanumá doente. Ele entra no doente e procura o veneno quando passa uma cera, semelhante à cera de abelhas ou à cola dos brancos. Ele retira o veneno e reconstitui o local ferido, pondo essa cera especial. Parece o médico dos brancos quando engessam ou enfaixam o doente, mas os seres auxiliares fazem isso com uma cera.

Nessas sessões xamanísticas constam, além dos relatos dos processos terapêuticos, os mais diversos assuntos que os xamãs e os seres auxiliares querem compartilhar com a platéia. O canto do xamã apresenta pequenas passagens do cotidiano, detalhes do trabalho, das festas, dos momentos na floresta de alguns *hekula töpö* e outros

seres, como se o canto fosse um obra de ourivesaria e fizesse da vida dessas pequenas criaturas uma filigrana. É como se o canto fizesse um trabalho delicado de entrelaçar e soldar acontecimentos diversos vividos por vários seres auxiliares e outras criaturas em diversos espaços e temporalidades. Tudo isto acontece ao mesmo tempo em que seres auxiliares estão dentro do doente curando-o. Nos cantos, os xamãs podem detalhar sobre a vida dos *hekula töpö* e a dos antepassados dos Sanumá em situações específicas de histórias já conhecidas do público e de outras, novas histórias. O canto do xamã transita com fluidez de um acontecimento a outro, isto é, do canto de um ser auxiliar a outro. A partir do momento em que o xamã está inserido nesse universo especial, os cantos dos seres auxiliares estão todos os lados e preenchem imediatamente todos os seus sentidos, pois, agora, ele tem uma outra percepção, a dessas criaturas.

Produzindo e trocando conhecimento

Restaurar corporalidades e a ordem do cosmos, instaurar processos de vingança, relembrar regras de etiquetas para com as criaturas da floresta e animais, rememorar feitos dos antepassados e tratar de fatos presentes são algumas das ações desenvolvidas pelos xamãs. Quando o xamã Sanumá atua é central o diálogo que ele mantém com seu paciente ou com quem o acompanha e também com a grande platéia que assiste à sessão. O conhecimento xamanístico é um conhecimento coletivo que, necessariamente, acontece nessa interação, onde os sintomas da doença são relatados e, principalmente, a biografia da pessoa, trechos de sua vida são ditos

pelo paciente ou por seu acompanhante com o intuito de informar/ auxiliar o xamã e seus seres auxiliares na identificação do agressor. Conforme Rabello encontrou para outras curas religiosas¹³, as interpretações dos terapeutas organizam estados confusos e desordenados em um todo coerente. Ao contrário do sistema biomédico que atua despersonalizando o doente, o xamanismo Sanumá age sobre o indivíduo como um todo, reorganizando sua experiência. Além disso, em meio a esse processo de cura, relatos sobre o que aconteceu e acontece no mundo com as mais diversas criaturas são cantadas, o que depende da interação da platéia para incentivar a *performance* do xamã.

Dessa interação mantida com a platéia e da observação dos xamãs de outros modos de vida e das trocas de informações com brancos e outros indígenas, o conhecimento xamanístico se amplia e fortalece.

Semelhante ao que observou Carneiro da Cunha¹⁴ para o conhecimento/saber de comunidades tradicionais, o xamanismo Sanumá reconhece ou acolhe com confiança ou ceticismo outros saberes. No caso dos Sanumá, essa abertura para com os saberes de outros – brancos, criaturas da floresta ou outras etnias indígenas - é a base que dinamiza e mantém vivo o xamanismo. Portanto, ainda segundo Carneiro da Cunha¹¹, os conhecimentos tradicionais, assim como o xamanismo Sanumá, dependem da troca e circulação de informações, da necessidade de transitar para existir; por isso, estamos diante de saberes coletivos e não individualizados, públicos e não confidenciais. O conhecimento xamânico se faz no reconhecimento de outros

saberes e na troca, o que lhe dá o poder terapêutico.

REFERÊNCIAS

- 1 Migliazza E. Yanomama grammar and intelligibility (Tese de Doutorado). Indiana (IN): Indiana State University; 1972.
- 2 Ramos A. Memórias Sanumá: espaço e tempo em uma sociedade Yanomami. São Paulo: Marco Zero; 1990.
- 3 Guimarães S. Cosmologia Sanumá: o xamã e a constituição do ser (Tese de Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília; 2005
- 4 Guimarães S. Reflexões Sanumá e o surgimento dos brancos. Revista de estudos e pesquisas. 2005a, 2: 53-77.
- 5 Guimarães S. Corpos e ciclos da vida Sanumá-Yanomami. Horizontes Antropológicos. 2010, 34:20-40.
- 6 Gauguin P. Antes e depois: idéias e memórias. Porto Alegre: L&PM; 1997.
- 7 Vargas Llosa M. O paraíso na outra esquina. São Paulo: Arx; 2003.
- 9 Chazan L, Citeli M. “Muito cuidado com essa sonda, ela é parte mais sensível desse aparelho!”: a tecnologia como ator social na construção de corpos fetais e grávidos. Compilación Completa de Ponencias, VII Reunión de Antropología del Mercosur (RAM) 2009. Available from RAM 2009 via INTERNET, Buenos Aires, Argentina.
- 10 Borgman D. Dicionário Sanumá. Boa Vista: MEVA; 1991.
- 11 Evans-Pritchard E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. RJ: Jorge Zahar; 2005.
- 12 Rabello M. Religião, ritual e cura. In: Alves P, Minayo M. C. (org.). Saúde e doença: um olhar antropológico, Rio de Janeiro; 1994. p. 47 – 56,

13 Cunha, M C. Cultura com aspas. São Paulo: Cosac Naif, 2009, 310 p.

Artigo apresentado em 15/01/2011

Aprovado em 14/02/2011